

Vygotsky E A Pedagogia Da Diversidade: Perspectivas Para Uma Educação Inclusiva

Carlos Diego Dos Santos Dantas
Ivy Enber Christian UNIVERSITY

Maria De Lourdes Gonçalves
UNIFAMA

Simone Rodrigues Silva
UFRR

Teresa Cristina Martins Kobayashi
UNINCOR

Leandro Reis Bottura
MUST Education

Maria Helena De Assis Laranjeira Gomes
UNEB

Celso Luis Marques
Universidad Europea Del Atlántico-ESP Graduação: Mestre Em Atividade Física.

Rayannie Mendes De Oliveira
UFMA

Luiz Henrique Dos Santos Da Cruz Marques
Especialista Em Educação Física Escolar E Inclusão (UNIASSELVI)

José Pereira Gaspar Filho
Faculdade De Educação São Luís

Andressa Silva Guedes
UNIFIEO

Mario Sérgio Silva
Unioeste Estadual Do Oeste Do Paraná

Ana Paula Rodrigues De Souza
UNEMAT

José Humberto Verissimo Zuchetti
UNEMAT

Ana Francisca Pelá Cabral
Must

Erika Fabrícia Ramos Neves Calado

FAMASUL

Sandra Pereira Almeida Lind

Centro Acadêmico Do Agreste

Andréia Severina Da Silva

UFPE

Milena Luiza Lucas Queiroz

UNEMAT

Resumo:

Este artigo tem como objetivo analisar as contribuições da teoria de Vygotsky para a pedagogia da diversidade e suas implicações na promoção de uma educação inclusiva. A pesquisa foi conduzida por meio de uma abordagem qualitativa, de caráter descritivo, com a participação de 21 profissionais da educação básica, entre professores, coordenadores pedagógicos e gestores escolares. Os dados foram coletados através de entrevistas semiestruturadas e analisados com base em categorias temáticas. Os resultados evidenciam que os fundamentos vygotkianos - como a mediação, a zona de desenvolvimento proximal e o papel do outro no processo de aprendizagem - são essenciais para uma prática pedagógica que valorize as diferenças e potencialize as capacidades dos alunos em contextos diversos. Os relatos dos participantes indicam que, embora existam desafios estruturais e formativos, há um reconhecimento crescente da necessidade de práticas pedagógicas que considerem a diversidade como valor e não como obstáculo. Conclui-se que a perspectiva sociocultural de Vygotsky oferece subsídios fundamentais para a construção de uma escola mais inclusiva, equitativa e democrática.

Palavras-chave: *Vygotsky; Diversidade; Inclusão.*

Date of Submission: 27-05-2025

Date of Acceptance: 07-06-2025

I. Introdução

A diversidade no contexto escolar tornou-se, nas últimas décadas, uma temática central no debate educacional, principalmente diante dos desafios contemporâneos de inclusão, equidade e justiça social. A escola, enquanto espaço de convivência plural, reúne sujeitos com múltiplas identidades culturais, sociais, étnicas, linguísticas e cognitivas. Diante desse cenário, torna-se imprescindível refletir sobre as teorias que sustentam práticas pedagógicas inclusivas e que reconheçam a diversidade como princípio formativo (Medeiros, 2021).

Entre os teóricos que contribuíram significativamente para uma nova compreensão da aprendizagem e do desenvolvimento humano está Lev Semionovich Vygotsky. Sua abordagem histórico-cultural considera o sujeito em constante interação com o meio social, sendo a aprendizagem um processo mediado culturalmente. Tal perspectiva rompe com a visão tradicional e homogênea da educação, oferecendo fundamentos teóricos potentes para pensar a inclusão escolar em sua complexidade. A pedagogia da diversidade, nesse contexto, propõe uma prática educacional que acolhe as diferenças, superando modelos padronizados de ensino e reconhecendo as singularidades dos alunos (Rodrigues; Silva; Silva, 2021).

Mais do que adaptar conteúdos, trata-se de construir currículos e ambientes escolares que respeitem, valorizem e promovam a multiplicidade de formas de ser e aprender. Vygotsky, ao colocar o outro como elemento constitutivo do eu, reforça a necessidade de interações pedagógicas que favoreçam a construção coletiva do conhecimento. A zona de desenvolvimento proximal, conceito central na teoria vygotkiana, permite compreender que o potencial de aprendizagem de um aluno não está apenas em suas habilidades já consolidadas, mas no que ele pode realizar com o apoio de pares ou mediadores mais experientes. Essa ideia, ao ser aplicada na educação inclusiva, desafia a escola a enxergar além das limitações e investir em estratégias que ampliem as possibilidades de participação e aprendizagem de todos os alunos (Costa, 2006).

Outro aspecto relevante da teoria de Vygotsky para a pedagogia da diversidade é o papel da linguagem como instrumento de mediação. A linguagem, para ele, não é apenas meio de comunicação, mas ferramenta essencial na construção do pensamento e no desenvolvimento das funções psicológicas superiores. Isso implica repensar as práticas pedagógicas para garantir que todos os alunos tenham acesso às linguagens, códigos e signos culturais que circulam no ambiente escolar. A valorização do contexto cultural dos alunos também é uma contribuição significativa da abordagem histórico-cultural. Vygotsky reconhece que a aprendizagem não se dá de forma neutra, mas está profundamente marcada pelas condições sociais e culturais nas quais o sujeito está

inserido. Assim, considerar as histórias de vida, saberes e experiências dos estudantes é fundamental para uma pedagogia da diversidade que seja efetivamente inclusiva (Nuemberg, 2008).

Diante dessas reflexões, este artigo tem como objetivo analisar as contribuições da teoria de Vygotsky para a pedagogia da diversidade, destacando as possibilidades de aplicação de seus fundamentos teóricos na promoção de uma educação inclusiva, à luz das percepções de profissionais atuantes na escola básica.

II. Materiais E Métodos

A presente pesquisa foi desenvolvida com base em uma abordagem qualitativa e descritiva, voltada à compreensão das percepções, experiências e práticas de profissionais da educação frente à aplicabilidade da teoria de Vygotsky em contextos de diversidade e inclusão escolar. Optou-se por essa abordagem por possibilitar uma análise mais profunda das subjetividades e das dinâmicas sociais envolvidas no processo educacional (Lima et al., 2020; Lima; Domingues Junior; Gomes, 2023; Lima; Domingues Júnior; Silva, 2024; Lima; Domingues Júnior; Silva, 2024; Lima; Silva; Domingues Júnior, 2024).

A amostra da pesquisa foi composta por 21 profissionais da educação básica, atuantes em escolas públicas e privadas, localizadas em regiões urbanas e periféricas. Entre os participantes estavam professores de diferentes áreas do conhecimento, coordenadores pedagógicos e gestores escolares, com experiência variando entre 3 e 25 anos na docência. A escolha dos participantes foi realizada de forma intencional, considerando a diversidade de perfis e contextos educacionais.

Para a coleta dos dados, foram realizadas entrevistas semiestruturadas, com duração média de 40 minutos cada, utilizando roteiros com questões abertas sobre práticas pedagógicas, concepções de diversidade, desafios da inclusão e a influência da teoria de Vygotsky em suas ações cotidianas. As entrevistas foram gravadas com autorização dos participantes e, posteriormente, transcritas na íntegra para análise.

A análise dos dados foi conduzida por meio da técnica de análise de conteúdo temática, permitindo a identificação de categorias emergentes a partir das falas dos respondentes. As categorias foram organizadas em torno dos seguintes eixos: mediação pedagógica, zona de desenvolvimento proximal, linguagem e cultura, desafios para a inclusão e formação docente.

III. Resultados E Discussões

Os resultados revelaram que a maioria dos profissionais reconhece a relevância da teoria de Vygotsky para a prática pedagógica inclusiva, embora nem todos a tenham estudado de forma sistematizada. Segundo os respondentes E05 e E08, “a ideia de que o aluno aprende com o outro me ajuda a pensar atividades em grupo” e “compreender a importância da interação me fez mudar minha forma de ensinar alunos com deficiência”. A mediação pedagógica apareceu como uma das categorias mais citadas nas entrevistas.

Os profissionais relataram que a mediação é o que possibilita aos alunos superar suas dificuldades, independentemente de suas condições cognitivas, sociais ou culturais. A participante E12 afirmou: “Aprendi que não é o aluno que precisa se adaptar à escola, mas a escola que deve criar meios para que ele participe”. Já o E17 destacou que “a mediação é o ponto chave para ensinar alunos com diferentes ritmos”. A zona de desenvolvimento proximal foi reconhecida como um conceito transformador da prática pedagógica.

Muitos educadores relataram que passaram a olhar o potencial dos alunos de forma mais ampliada. Conforme relatado por E03: “Antes, eu achava que o aluno que não sabia ler na idade certa tinha problemas. Agora, vejo que ele pode, sim, aprender, se tiver o apoio certo”. O E09 acrescentou: “A ZDP me ajuda a pensar onde o aluno está e onde ele pode chegar”.

Quanto à linguagem, os entrevistados enfatizaram sua importância como ferramenta de inclusão. Segundo E06, “a linguagem abre caminhos para o conhecimento, por isso uso diferentes formas de comunicação com meus alunos”. A E10 complementa: “Na minha sala tem crianças que se comunicam com Libras, outras com desenhos. O importante é dar voz a todos”.

A valorização da cultura dos alunos também foi amplamente discutida. Profissionais relataram que passaram a considerar as experiências e saberes prévios dos estudantes em suas práticas. De acordo com E14: “Quando trago a cultura dos meus alunos para a aula, eles se engajam mais”. Já E20 afirma: “Respeitar as vivências deles me fez repensar o conteúdo que escolho ensinar”. Contudo, os desafios para efetivar uma pedagogia da diversidade também foram apontados.

Muitos profissionais citaram a falta de formação inicial e continuada sobre os fundamentos teóricos da inclusão. Segundo E01: “Fui aprender sobre Vygotsky depois de muitos anos dando aula. A formação inicial não abordava isso”. O E19 reforçou: “A gente precisa de mais cursos e apoio para aplicar essas teorias na prática”.

A estrutura escolar foi outro fator limitante identificado. Falta de recursos, turmas superlotadas e ausência de equipe de apoio foram apontados como obstáculos à implementação de práticas inclusivas. E07 disse: “Eu tento aplicar o que acredito, mas a realidade da escola dificulta. São muitos alunos e pouca estrutura”. E13 acrescentou: “Às vezes, falta tempo até para planejar aulas diferenciadas”.

Apesar das dificuldades, os relatos revelam um movimento crescente de professores em busca de práticas mais sensíveis à diversidade. Muitos citaram experiências positivas ao utilizarem os princípios vygotkianos. Segundo E16: “Quando trabalhei com tutoria entre pares, percebi como os alunos se ajudam e crescem juntos”. Já E11 afirmou: “A troca entre os alunos é muito rica e transforma a aprendizagem”.

Os profissionais também destacaram a importância da escuta ativa como prática mediadora. Para E02, “escutar o aluno é essencial para saber como ajudá-lo”. E18 reforça: “Quando o aluno sente que é ouvido, ele se sente valorizado e aprende mais”. A colaboração entre professores, alunos e família foi citada como essencial. Muitos acreditam que uma abordagem inclusiva exige um trabalho coletivo. E21 comentou: “A inclusão não depende só do professor, mas de toda a comunidade escolar”.

A teoria de Vygotsky foi associada por vários entrevistados à ideia de empoderamento do aluno. E04 relatou: “Quando confio no potencial do aluno e dou espaço para ele crescer, vejo resultados surpreendentes”. E15 acrescenta: “Vygotsky me ensinou a acreditar mais nos meus alunos”. A diferenciação pedagógica, baseada na ZDP, também foi evidenciada. Segundo E08: “Faço grupos de apoio dentro da sala, com alunos mais avançados ajudando os outros. Isso funciona muito bem”.

Professores relataram que os alunos em situação de vulnerabilidade social apresentam avanços significativos quando inseridos em práticas interativas e mediadas. E03 mencionou: “Tive um aluno em situação de rua que se desenvolveu muito quando incluído em projetos coletivos”. A afetividade, como elemento da mediação, foi destacada por E06: “A relação afetiva com o aluno é o primeiro passo para qualquer aprendizagem. Sem vínculo, não há mediação possível”. A consciência da diversidade como riqueza também foi recorrente. E09 destacou: “Hoje vejo a diversidade como um valor, não como problema. Ela me desafia a ser um professor melhor”.

A autonomia do aluno foi relacionada à mediação eficaz. E12 afirmou: “Quando mediamos bem, o aluno se torna autônomo. Ele aprende a aprender”. Finalmente, muitos entrevistados expressaram otimismo com relação ao futuro. Segundo E17: “Estamos no caminho. Ainda falta muito, mas cada passo importa”. E05 concluiu: “Com apoio teórico e prático, é possível transformar a escola num espaço verdadeiramente inclusivo”.

IV. Conclusão

A análise dos resultados demonstrou que a teoria de Vygotsky oferece uma base sólida para repensar a prática pedagógica em contextos de diversidade. Seus conceitos-chave, como mediação, zona de desenvolvimento proximal e linguagem como ferramenta de construção do conhecimento, são especialmente úteis para orientar ações inclusivas e sensíveis às singularidades dos estudantes.

Os relatos dos profissionais evidenciam um compromisso crescente com a construção de uma escola mais justa, plural e democrática, mesmo diante de inúmeros desafios estruturais e formativos. A prática pedagógica baseada na escuta, na valorização da cultura dos alunos e na interação como elemento formativo emerge como estratégia essencial para a inclusão. Ainda que a formação docente e a estrutura escolar precisem ser fortalecidas, a pesquisa aponta para um movimento progressivo de conscientização sobre a importância de práticas pedagógicas que considerem a diversidade como um princípio educativo e não como um obstáculo à aprendizagem.

Assim, conclui-se que a pedagogia da diversidade, iluminada pela perspectiva vygotkiana, representa um caminho promissor para a efetivação de uma educação inclusiva, pautada no respeito às diferenças, na valorização do outro e na crença no potencial de todos os estudantes.

Referências

- [1] Costa, D. F. A. Superando Limites: A Contribuição De Vygotsky Para A Educação Especial. Revista Psicopedagogia. São Paulo, V. 23, N. 72, 2006.
- [2] Lima, L. A. O. Et Al. Quality Of Life At Work In A Ready Care Unit In Brazil During The Covid-19 Pandemic. International Journal Of Research -Granthaalayah, [S. L.], V. 8, N. 9, P. 318–327, 2020. Doi: <https://doi.org/10.29121/Granthaalayah.V8.I9.2020.1243>
- [3] Lima, L. A. O.; Domingues Junior, Gomes, O. V. O. Saúde Mental E Esgotamento Profissional: Um Estudo Qualitativo Sobre Os Fatores Associados À Síndrome De Burnout Entre Profissionais Da Saúde. Boletim De Conjuntura Boca, 2023. <https://doi.org/10.5281/Zenodo.10198981>
- [4] Lima, L. A. O., Domingues Júnior, P. L., & Silva, L. L. (2024). Estresse Ocupacional Em Período Pandêmico E As Relações Existentes Com Os Acidentes Laborais: Estudo De Caso Em Uma Indústria Alimentícia. Rgo - Revista Gestão Organizacional, 17(1), 34-47. <http://dx.doi.org/10.22277/Rgo.V17i1.7484>.
- [5] Lima, L. A. O.; Domingues, P. L.; Silva, R. T. . Applicability Of The Servqual Scale For Analyzing The Perceived Quality Of Public Health Services During The Covid-19 Pandemic In The Municipality Of Três Rios/Rj, Brazil. International Journal Of Managerial Studies And Research (Ijmsr), V. 12, P. 17-18, 2024. <https://doi.org/10.20431/2349-0349.1208003>
- [6] Lima, L. A. O.; Silva, L. L.; Domingues Júnior, P. L. Qualidade De Vida No Trabalho Segundo As Percepções Dos Funcionários Públicos De Uma Unidade Básica De Saúde (Ubs). Revista De Carreiras E Pessoas, V. 14, P. 346-359, 2024. <https://doi.org/10.23925/Recape.V14i2.60020>
- [7] Medeiros, S. M. A. A Teoria Da Atividade Em Vygotsky, Leontiev E Engeström: Os Fundamentos Da Aprendizagem Expansiva. Revista Histedbr On-Line, Campinas, Sp, V. 21, N. 00, P. E021051, 2021.

- [8] Nuemberg, A. H. Contribuições De Vygotsky Para A Educação De Pessoas Com Deficiência Visual. Revista Psicologia Em Estudo, Maringá, V. 12, N. 2, P. 307-316, Abr/Jun. 2008.
- [9] Rodrigues, R. G.; Da Silva, J. L. T.; Silva, M. A. Aprofundando O Conhecimento Sobre A Zona De Desenvolvimento Proximal (Zdp) De Vygotsky. Revista Carioca De Ciência, Tecnologia E Educação, [S. L.], V. 6, N. 1, P. 2–15, 2021.